

A importância da solidão para uma ética feminista

Jessé Pereira da Silva

A realidade da solidão, pela qual frequentemente passa a mulher em seus dilemas concretos, é em si mesma uma grande contribuição para a caminhada da mulher no rumo de sua maturação, emancipação e dignidade. É no contexto da solidão propriamente que podemos encontrar imperativos éticos que sejam frutos verdadeiros, baseados no íntimo da pessoa e não simplesmente em modelos meramente impostos ou assumidos artificialmente.

À primeira vista parecer ser difícil falar sobre solidão num momento em que estamos procurando afastar-nos um pouco das questões abstratas e concentrar-nos nas questões concretas, em que vivemos. Pior ainda, quando nos lembramos que, mesmo como fenômeno, a vida humana parece não ter nada a ver com solidão: dependemos do outro para quase tudo, para nascer, ser criado, ser educado, a sexualidade nos lança para o outro. Ou seja, somos seres sociais. Isto é inegável. Contudo, há no ser humano, como indivíduo-corpo-total, uma região inerentemente própria, unívoca. É esta região que fundamenta o corpo, que é uma unidade - intransferível e só - vitalmente separada, tanto quanto é também vital manter-se em relação com o outro e com o mundo. Nosso corpo é a realidade visível de nossa unidade concreta. É este caráter único de cada um que exercerá um papel fundamental na dinâmica entre a pessoa e as situações de vida que lhe aparecerão.

Solidão é uma realidade dinâmica da vida. Está presente no desenrolar contínuo do viver. A palavra solidão vem do latim *solitudo/solitudinis* ou do grego *eremos*, em ambos os casos significando deserto, lugar deserto, lugar despovoado, ermo, retiro. Em outras palavras, a solidão é a experiência da pessoa com o deserto, com o nada, com o vazio absoluto que a força a manter-se e fundar-se unicamente sobre si e em mais

nada. Esta é a única questão realmente mística ou espiritual. Talvez seria melhor falar em solidões, pois a solidão possui diversas faces.

Os monges antigos iam para o deserto a fim de serem tentados, colocados à prova. Este é o primeiro sentido da solidão: depurar nosso ser a fim de trazer-nos de volta a nós mesmos. Somente a solidão tem este poder pois é nela que mora nosso fundamento. Os monges eram martelados na bigorna pelo tes(n)tador. Furtar-se da solidão é recusar-se a ser colocado à prova. A solidão é a realidade humana responsável pelo nosso controle de qualidade. Foi Paul Tillich que apontou este ponto como fundamental chamando-o de nossa preocupação última. Para Tillich, tal é a experiência da revelação. Revelação é a manifestação daquilo que nos diz respeito de forma última, apontando nossa qualidade última a cada situação concretamente vivida.¹ Quero apontar que alguém que realmente se defronta com a experiência incondicional, experimenta-o em solidão, nas profundezas de seu próprio corpo, pois solidão é isto: colocar o corpo unicamente diante de si mesmo. Esta é uma face da solidão.

Seu lado realmente anti-humano é a solidão demoníaca onde a pessoa não é reconduzida para si mesma, mas levada a desintegrar-se, desorientar-se e finalmente perder sua identidade e seu centro. Creio que este entendimento da solidão é essencial quando falamos das realidades que impedem a pessoa humana de ser protagonista de suas possibilidades de decisões éticas. Mas, falar da solidão não é coisa simples. Outra face da solidão aparece nas realidades humanas de terem todas as coisas cheias - o desejo morto - não há a dor da saudade. Foi Sören Kierkegaard quem alertou sobre o perigo anti-vida/idólatra deste revés. Assim, mostrou também que o desejo puro/supremo que gera a vida, tão ausente no mundo moderno, só pode ser gerado/encontrado na solidão que é procurar a única coisa: "pureza de coração é desejar uma coisa só".²

São os movimentos interiores os responsáveis pela beleza que mora em nós e anseia por concretização nos passos que damos, nas decisões que tomamos nos gestos que fazemos. Os sentimentos ficam lá, dentro de nós, o tempo todo uns batendo com os outros numa euforia de vozes provindas dos mais diferentes interesses e mundos. E só nos tornamos realmente especiais, quando levamos todas estas vozes para o deserto, a solidão. Aí aprendemos que todas elas quase sempre não queriam dizer nada que valesse um bom ouvido. Eram ruídos. Ruídos nunca resistem ao profundo silêncio.

1 Veja Paul Tillich, *Teologia sistemática*, São Paulo/São Leopoldo, Edições Paulinas/Editora Sinodal, 1987, p.98-99.

2 No livro *Purity of heart is to will one thing*, Kierkegaard faz um completo estudo sobre o desejo puro que só pode ocorrer quando nossa mente não está dividida. Quanto à importância da solidão neste processo, veja: Kierkegaard, Sören, *Purity of heart is to will one thing*, New York, Harper & Row, 1956, p.89,108,114,120.

cio. Diluem-se. Fogem em retirada. A solidão tem, então, este efeito de testar as nossas vozes. Sem a ajuda da solidão tal empreendimento é impossível. Querer estar repleto e cheio, em qualquer situação, trará a impossibilidade da saudade: a solidão de não ter saudade. Nada que nos espere, nada para que voltar, ainda que seja no futuro. O futuro é o lugar da volta. O grande paradoxo da solidão consiste exatamente no fato de que seu nada tremendo e desafiante é o que aguçava ou propicia a grande riqueza que mora nas profundezas do ser humano, que precisa ser buscada e desejada para nos tornar humanamente reais. Caso contrário não virá a nós. É este o terreno do mistério ou da espiritualidade, terreno essencialmente religioso que sabe que tudo começa e termina na solidão como um processo contínuo dentro de nós. Isto não implica o subjetivismo, mas sim o restabelecimento do ser total no mundo, que tem sido mutilado de diversas formas.

A solidão não pode ser produzida. Não se provoca solidão. Este é o lado distorcido de certos movimentos místicos. Só entendem a solidão aqueles que sentem necessidade dela e a experimentam concretamente em sua caminhada, em sua preocupação suprema que, segundo Tillich, se encontra na minha relação com o outro e com Deus-não-feito-por-mãos-humanas.³

A realidade do mistério também está intimamente relacionada com a experiência da solidão. Mistério aponta para algo que perderia sua própria natureza se perdesse seu caráter misterioso. Mistério é uma palavra derivada do grego *muein* "fechar os olhos" ou "fechar a boca". Para ganhar conhecimento comum, é necessário abrir a boca, isto a fim de compreender algo. É abrir a boca para comunicar com outras pessoas e serem testados os próprios *insights*. Um mistério genuíno, contudo, é experimentado numa postura que contradiz a atitude de conhecimento ordinário. Transcende o ato de ver, de confrontar coisas que se apresentam a nós como conhecimento. Mistério precede nossas experiências. É impossível expressar a experiência do mistério, do indizível. A linguagem comum está sempre presa ao esquema de domínio de coisas e idéias. O que é essencialmente misterioso, não pode perder seu caráter misterioso mesmo quando é experimentado. Contudo, é inegável que a realidade do mistério seja um fato que se passa tanto em nosso interior como nas nossas relações comunitárias.

Creio que estas pistas sobre a solidão e o mistério como experiências humanas são fundamentais para uma perspectiva feminista. Ivone Gebara declara que a solidão vive em cada mulher; ou melhor, as mu-

lheres são solidão ao mesmo tempo em que são também comunicação, comunhão e solidariedade. Também entende que a solidão é importante porque não se opõe à proximidade com o mundo, não significa isolamento, mas quer dizer, sim, uma recondução ao que as mulheres realmente são e à convivência necessária consigo mesmas.⁴ Do mesmo modo, Georgia Harkness também salienta a importância de uma mística feminista:

*"Na experiência mística há um encontro da pessoa com Deus. Mas que tipo de encontro? Tenho falado (mais) em comunhão, que não anula o mistério. (...) Ao passo que (a palavra) união (com Deus) pode ser pensada como perda ontológica ou existencial da identidade humana. Tal união não pode ser divina."*⁵

Georgia Harkness tenta mostrar que a palavra comunhão é mais adequada para expressar a espiritualidade por significar união, mas preservando-se a integridade e identidade daqueles que se unem. É isto que a solidão e o mistério, em sua própria dinâmica, tentam nos ensinar. Só pode haver verdadeira união, quando é preservada a identidade das pessoas. Se falamos em devolver ao indivíduo a condição de ser protagonista de suas próprias decisões, isto implica que tais decisões ocorrerão num contexto solitário. Nenhum homem ou mulher pode ser moral de um modo significativo sem liberdade de escolha e decisão.⁶ Mas tal liberdade não deve ser entendida como uma situação a ser alcançada, mas sim um processo contínuo de capacitação e emancipação. Liberdade implica maturação. A experiência da solidão nos impele para a maturação. Se tomarmos qualquer situação concreta em que a mulher pode estar envolvida, seja na decisão sobre o aborto ou sua responsabilidade e papel como mulher, tais decisões não são decisões isoladas de um momento específico de sua vida, mas sim a remetem para um processo de maturação. Contudo, tal processo só se dará de fato, se for cunhado no mais íntimo de sua experiência pessoal. Não basta um montante de experiências para que um efetivo processo de maturação ocorra, exceto se tais experiências forem colocadas em conversa profunda com o corpo, colocando o corpo unicamente diante de si mesmo. Eis aqui o que significa ser responsável como ponto de partida para qualquer situação concreta, com que concorda Harkness quando relaciona liberdade direta-

3 Paul Tillich, *A era protestante*, São Paulo, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião/Traço a Traço, 1992, p.108-109,232.

4 Gebara, Ivone, "Caminhando para uma ética do contexto, do diálogo consensual e da solidão", em *Folha da Mulher*, ISER, Rio de Janeiro, 1994, n.7, p.3.

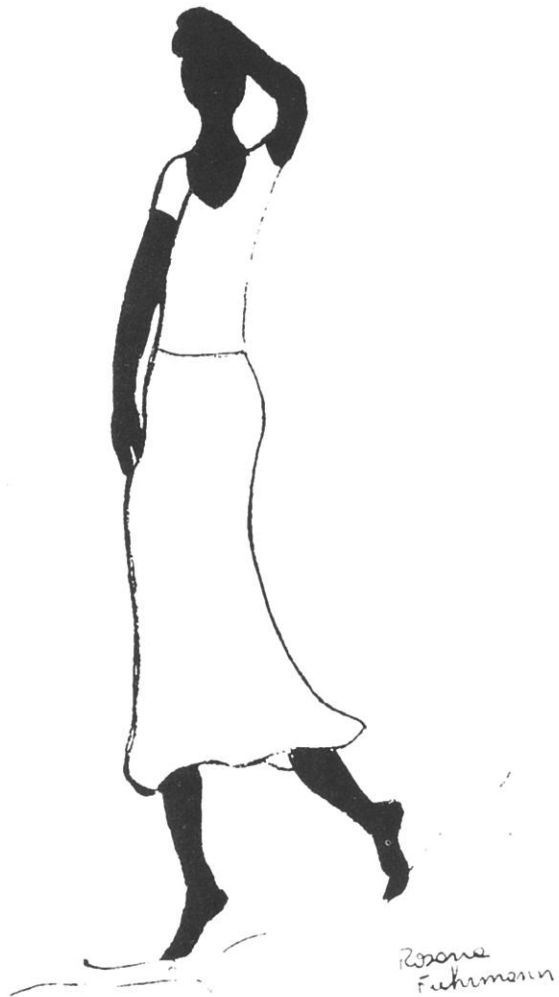
5 Harkness, Georgia, *Mysticism, its Meaning & Message*, Nashville, Abingdon Press, 1973, p.21-24.

6 Harkness, Georgia, *Women in Church and Society*, Nashville, Abingdon Press, 1977, p.190.

mente com responsabilidade.⁷ Somente uma pessoa efetivamente livre pode ter seus atos avaliados, julgados. Ninguém pode ser responsabilizado por algo sem que não tenha exercido liberdade para tal. A solidão insiste no fato de que se há uma ética responsável, tal ética deve começar com o corpo, para que nossas decisões não sejam artificiais, idealistas, mas que nos devolvam ao caminho com uma resposta autêntica que se abre para novos aprendizados - responsabilidade.

Bibliografia

- Georgia Harkness, *Mysticism, its Meaning & Message*, Nashville, Abingdon Press, 1972
- Georgia Harkness, *Women on Church and Society*, Nashville, Abingdon Press, 1972
- Ivone Gebara, "Caminhando para uma ética do contexto, do diálogo consensual e da solidão", em *Folha Mulher*, ISER, Rio de Janeiro, 1994, n.7, p.3
- Paul Tillich, *Teologia sistemática*, São Paulo/São Leopoldo, Edições Paulinas/Editora Sinodal, 1987
- Paul Tillich, *A era protestante*, São Paulo, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião/ Traço a Traço, 1992
- Sören Kierkegaard, *Purity of Heart is to Will one Thing*, New York, Harper&Row, 1956
- Sören Kierkegaard, *Concluding Unscientific Postscript*, Princeton, Princeton University Press, 1974



⁷ Harkness, Georgia, *Women in Church and Society*, Nashville, Abingdon Press, 1977, p.190-193.